

Marcas do abandono

\\Painel gigante que cobre a fachada de 40 prédios da cidade, chamado de *Cosmo Band*, está desgastado pelo tempo e pela ação do homem. Ocupações irregulares contribuem para o quadro

» MARA PULJIZ

Todos os holofotes do mundo estavam voltados para a obra que seria um dos cartões-postais de Brasília mais visitados pelos turistas. Era dezembro de 1997, quando a pintura intitulada *Cosmo Band* ou Bandeirante Cósmico foi inaugurada e encheu de beleza 6 mil metros quadrados de fachada dos 40 prédios construídos no Setor de Oficinas do Núcleo Bandeirante. Hoje, o painel que entrou para o Guinness Book (o Livro dos Recordes), em 1999, como a maior tela horizontal do mundo é o retrato do abandono.

Doze anos se passaram e a obra de arte ficou livre das pichações que estão por todo o DF, mas em compensação ela foi desfigurada pela ação do tempo e do homem. Alguns inquilinos construíram novos pavimentos e abriram janelas nas paredes onde está fixada a imagem gigante que é uma representação da história da humanidade e das características da cidade. O artista plástico Pedro Borges, autor da obra, esboçou em sequência a criação do mundo. Destacou planetas e astros e deu vida ao planeta com o azul do céu e o amarelo do sol. Substituiu a varinha do criador pelo computador e utilizou símbolos para destacar o lado místico e arquitetônico do local. A Esplanada dos Ministérios também ganhou espaço na pintura a fim de representar o poder que a cidade emana.

O microempresário Francisco Chagas Rodrigues, 59 anos, acompanhou desde o início todo o trabalho artístico feito no lugar. Dono de uma oficina de lanternagem há 20 anos, ele conta que a pintura era motivo de orgulho para os trabalhadores da área. “Era muito feio. Quem vinha do Gama olhava para o Núcleo Bandeirante e pensava que aqui era uma favela”, contou ele. Francisco lembra o dia em que a tela foi inaugurada. “Foi muito bem-feita. À noite, era lindo de se ver porque tinha mais de 40 refletores espalhados que iluminavam o desenho. Muita gente de fora vinha só para fotografar”, revelou. Seis meses depois, sem fiscalização e manutenção, os cabos de energia assim com os refletores foram furtados, representando então o fim do espetáculo noturno.

Cosmo Band

A pintura pode ser vista de longe. Da Estrada Parque Indústria e Abastecimento (Epia), o desenho ainda parece intacto. A intervenção urbana foi feita a fim de atrair turistas para a cidade e melhorar a estética do espaço que tinha aparência de um cortiço. Na época, os prédios não possuíam reboco e pintura.

» Crescimento desordenado

Inúmeros foram os problemas surgidos na última década. Entre eles, o crescimento desordenado da população e as ocupações irregulares. De acordo com o presidente da Associação de Micro e Pequenas Empresas do Núcleo Bandeirante, Eudaldo de Alencar, 140 estabelecimentos comerciais estão fixados no subsolo e no primeiro pavimento do prédio. Na parte de cima da construção, entretanto, cerca de 160 famílias se instalaram e utilizam o local para moradia, o que não é permitido pela Normas de Edificação e Gabarito (NGB).

“O Setor de Oficinas do Núcleo Bandeirante não é destinado para moradia, mas para salas comerciais”, afirma Luiz Coelho, analista de administração pública da Diretoria de Obras (Dirob) da Administração do Núcleo Bandeirante. “Quando se desrespeita o gabarito isso também causa um problema sério na cidade como falta de estacionamento, por exemplo”, explica. A administração promete solicitar fiscalização para o local.

O descaso com a obra tem irritado Pedro Borges. “Achei uma agressão à arte. Quem teria de cuidar da tela era o poder público, que não fez isso”, disse. Segundo ele, foram gastos cerca de R\$ 400 mil para tirar o projeto do papel. A ajuda veio de empresários da região. Eles contribuíram para que fossem comprados as latas de tinta, pincéis e todos os instrumentos necessários para que a pintura fosse um sucesso. E, em 21 de dezembro de 1997, jornais de todo o mundo divulgaram a conclusão da maior tela do planeta feita em tempo recorde de 30 dias.

Fotos: Paulo H. Carvalho/CB/D.A Press



De longe, a pintura da parede dos prédios do Núcleo Bandeirante ainda parece exuberante, mas de perto dá sinais de desgaste